



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de São José do Rio Preto

**Bárbara Silva Madeira**

**ENFRENTAMENTO AO PRECONCEITO RACIAL NA TERCEIRA  
IDADE POR MEIO DE CÍRCULOS DE CULTURA**

São José do Rio Preto

2021

Bárbara Silva Madeira

Enfrentamento ao preconceito racial na terceira idade por meio de círculos de  
cultura

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Pedagogia, junto ao Conselho de Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes Villela

São José do Rio Preto  
2021

M181e            Madeira, Bárbara Silva  
                    Enfrentamento ao preconceito racial na terceira idade por meio de  
                    círculos de cultura / Bárbara Silva Madeira. -- São José do Rio Preto,  
                    2021  
                    41 p. : il., tabs., fotos

                    Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -  
                    Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências  
                    Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto  
                    Orientador: Fábio Fernandes Villela

                    1. Cultura Afro-brasileira. 2. Terceira idade. 3. Círculos de cultura.  
                    I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Bárbara Silva Madeira

Enfrentamento ao preconceito racial na terceira idade por meio de círculos de  
cultura

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, junto ao Conselho de Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Fábio Fernandes Villela  
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientador

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Abrantes Galindo de Oliveira  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Vitor Machado  
UNESP – Câmpus de Bauru

São José do Rio Preto

29 de novembro de 2021

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos aqueles que me acompanharam ao longo da minha vida e da produção deste trabalho, família e amigos. Gratidão em especial ao meu orientador Fábio Fernandes Villela, pois sem sua orientação este trabalho não seria possível.

## RESUMO

Em meio aos problemas sociais presentes no Brasil como o preconceito racial e o gerontocídio, este trabalho pretende numa perspectiva sócio-histórica problematizar questões como a inserção do idoso no processo educativo contemporâneo e tecnológico, bem como o preconceito racial existente na terceira idade no Noroeste Paulista. Para atender a estes objetivos foram feitas reproduções dos Círculos de Cultura freirianos nos anos de 2019/2020. Como metodologia qualitativa foram analisados textos produzidos pelos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UNESP) no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (VILLELA, 2014). Por meio destas escritas podemos observar um processo de conscientização dos Unatianos por meio da passagem da transitividade ingênua para a transitividade crítica. Para a análise de dados quantitativos a respeito do preconceito racial no território caipira foi realizado um survey encaminhado por meio de mídias sociais como o Grupo Eletro Folk Orquestra do Facebook. Como resultados principais, o survey mostrou a existência do preconceito racial de forma sutil no noroeste paulista.

Palavras-chave: Cultura Afro-brasileira, Terceira idade, Círculos de cultura.

## ABSTRACT

Amidst the social problems of Brazil, including racial prejudice and geronticide, this study aims to discuss such issues as the insertion of the elderly in the contemporary and technological educational process, as well as racial prejudice in seniors in the northwest São Paulo. To achieve these objectives Freirean circles of culture for the years of 2019/2020 were reproduced. Regarding the qualitative methodology, the essay produced by the participants of Open University for Seniors (UNATI/UNESP) in blog Virtual Center for Studies and Cultures of the Rural World (VILLELA, 2014) were analyzed. Through these writings we can observe a process of awareness of the “Unatianos” through the passage from naive transitivity to critical transitivity. As for the analysis of the quantitative data with respect to racial prejudice in *caipira* territory, a survey was carried out on the social medias such as Facebook, via Facebook Group Eletro Folk Orquestra. The main results of the survey show, that there exists subtle racial prejudice in the northwest of São Paulo.

Keywords: Afro-brazilian culture, Third age, Circle of culture.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|   |    |
|---|----|
| <b>GRÁFICO I</b> – Relação entre idade e número de pessoas afetadas pelo Covid-19 | 22 |
| <b>QUADRO I</b> – Escrita no blog de aula   | 25 |
| <b>FOTOGRAFIA I</b> – Círculo de cultura  | 32 |
| <b>FOTOGRAFIA II</b> – UNATI e Centro POP   | 32 |
| <b>FOTOGRAFIA III</b> – Música e Dança  | 32 |
| <b>FOTOGRAFIA IV</b> – Xequerê  | 33 |
| <b>QUADRO II</b> – Políticas públicas e sua influência na saúde do idos           | 35 |



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | 11 |
| <b>1 PRECONCEITO RACIAL, ORIGEM E EPISTEMOLOGIAS</b>       | 14 |
| Preconceito racial no território caipira                   | 17 |
| Pedagogias Contra-Hegemônicas                              | 20 |
| <b>2 A INFLUÊNCIA DA PANDEMIA NA TERCEIRA IDADE</b>        | 22 |
| Letramento Digital na Terceira Idade                       | 24 |
| Inclusão do idoso e Educação de Jovens e Adultos           | 27 |
| <b>3 Círculos de Cultura: O que são?</b>                   | 29 |
| <b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>                           | 32 |
| Políticas públicas e a inclusão do idoso na atualidade     | 36 |
| Políticas públicas e o enfrentamento ao preconceito racial | 37 |
| Considerações finais                                       | 39 |

## INTRODUÇÃO

Em meio à sociedade caótica em que vivemos, faz-se necessário refletir sobre os danos causados pelo homem. Danos estes que se refletem não apenas em desastres ambientais, mas socioculturais. Vivemos em uma sociedade na qual os direitos existem na legislação, mas que as políticas públicas não são suficientes para garantir direitos homogêneos entre os cidadãos. Além desses direitos que devem ser assegurados, a ‘população negra’, (MUNANGA, 2003) alvo de preconceito, enfrenta exclusões e falta de reconhecimento diariamente.

Nessa perspectiva, a pesquisa realizada tem por objetivo geral analisar o preconceito racial no Noroeste Paulista e formas para o seu enfrentamento por meio dos círculos de cultura na Universidade Aberta à Terceira Idade de São José do Rio Preto (UNATI) e a inclusão do idoso com o uso das TICs. O ser humano, que é um ser cultural e histórico, repleto de aprendizados e conhecimentos é reflexo da sociedade em que vive, assim como a escola. Apesar disso, segundo Freire (2018), o ser humano e a escola são capazes de realizar um enfrentamento às bases sólidas e consolidadas pelo capitalismo por meio da ação dialógica, caracterizada pela colaboração, união, organização e síntese cultural.

A pesquisa apresentou como objetivos específicos a promoção dos círculos de cultura juntamente ao uso das Tecnologias digitais de informação e comunicação com especificidade no uso do blog de aula pelos Unatianos. Para atender a tais objetivos foram realizadas várias etapas de pesquisa expostas em seguida.

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa ação de cunho quantitativo e qualitativo, segundo Ferreira (2015), a pesquisa qualitativa é dividida em três etapas, a primeira consiste na exploração, sendo fundamental o apontamento de toda a realidade observada, pois, a partir de um determinado momento a realidade que antes era tida como diferente para o pesquisador começa a fazer parte de seu cotidiano e se torna comum. A segunda etapa da pesquisa é a exploração, que apresenta como atividade do pesquisador a coleta de dados, por meio de questionários e outras ferramentas que sejam adequadas ao objeto de estudo. Apesar de fazer parte de todas as etapas da pesquisa, a análise de dados está mais fortemente presente na terceira etapa, é nela que serão elaboradas as análises com suas respectivas conclusões.

Apesar da separação existente entre as etapas da pesquisa, estas se cruzam em diversos momentos, uma vez que para a produção de uma pesquisa mais próxima da ‘verdade’, segundo Babbie (2005) é necessário que se façam constantes idas e voltas nos passos da pesquisa. Nessa perspectiva, trarei as etapas da pesquisa realizada de forma ordenada, ainda que interligadas entre si.

Como metodologia qualitativa (TOZONI-REIS, 2009), primeira etapa da pesquisa e processo contínuo, foi realizado um estudo por meio de fichamentos bibliográficos, que consistem na leitura, interpretação e apontamentos dos tópicos principais das obras selecionadas para o aprofundamento na temática da pesquisa.

Por ser uma pesquisa-ação (TOZONI-REIS, 2009), após os fichamentos, para o estudo da cultura afro-brasileira com o público alvo a terceira idade da Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp (UNATI) foram realizados Círculos de Cultura trazidos por Freire, Chaib, Marinho, entre outros. Para armazenamento e estudo de dados qualitativos, foram produzidos textos e hipertextos após os Círculos de Cultura no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (VILLELA, 2014).

Segundo Tozoni-Reis (2009), o pesquisador observador participante deve anotar todos os acontecimentos, pois, além de não serem perdidos com o passar do tempo, após várias ocorrências pode se tornar algo comum e passar despercebido. Nesse sentido, foram realizados diários de classe, que consistem em anotações após os encontros semanais com o intuito de armazenamento de dados e análise do que já foi feito nos círculos de cultura anteriores, análise das músicas afro-brasileiras trabalhadas, dificuldades enfrentadas pelos participantes, etc.

Como forma de análise de dados qualitativos e quantitativos a respeito do racismo no Noroeste paulista foi produzido um questionário com perguntas estruturadas (TOZONI-REIS, 2009) no Google Formulários e encaminhado por mídias digitais e redes sociais como o Grupo Eletro Folk Orquestra do Facebook e o Grupo Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão do Whatsapp.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, tendo como tema principal o racismo, aborda seu processo de construção pela branquitude e seus efeitos na sociedade contemporânea. Apresenta o racismo sob o olhar dos pesquisadores Munanga (2003), Fernandes (2013), entre outros.

O segundo capítulo apresenta dados sobre a Terceira Idade e sua inserção na sociedade, bem como a soma das dificuldades encontradas atualmente com o advento da pandemia causada pelo vírus Sars-Cov 2, popularmente conhecido como Covid-19. Ainda no mesmo capítulo é possível observar como se dá o processo de letramento tendo como público alvo a Terceira Idade.

O terceiro capítulo tem início com uma breve narrativa a respeito dos círculos de cultura, pois estes foram a metodologia de ensino utilizada na pesquisa. O terceiro capítulo também consiste na explanação dos dados produzidos na pesquisa. Além disso, a partir da

problemática exposta nos capítulos anteriores, são elaboradas algumas alternativas para o enfrentamento ao preconceito racial e enfrentamento à exclusão da Terceira Idade.

## 1 PRECONCEITO RACIAL, ORIGEM E EPISTEMOLOGIAS

Este capítulo abordará o racismo como tema central, sua história e implicações na desigualdade econômica, social e educacional brasileira. Primeiramente, o termo racismo segundo o dicionário Aurélio (2010) é uma doutrina que sustenta a superioridade de certas raças, preconceito ou discriminação em relação a indivíduos considerados de outras raças.

O conceito de raça, segundo Munanga (2003) foi usado inicialmente como forma de classificar espécies animais e vegetais na botânica e zoologia. Somente mais tarde, já nos séc. XVIII e XIX, o termo raça passou a designar grupos sociais com características físicas em comum. Classificação, no entanto, usada para hierarquizar determinados grupos por meio da associação entre suas características físicas e morais.

Ainda segundo Munanga (2003), a aparência física entre determinados grupos não é suficiente para classificá-los como sendo de uma mesma “família”, uma vez que a composição genética para cor em um indivíduo é ínfima, representada por menos de 1% dos genes. De acordo com Munanga (2003, p. 9), “não foi, até o ponto atual dos conhecimentos, cientificamente comprovada a relação entre uma variável biológica e um caractere psicológico, entre raça e aptidões intelectuais, entre raça e cultura”.

Além do exibido, pesquisas mostraram que determinados grupos sanguíneos podem apresentar maiores ou menores incidências de doenças hereditárias, representando um novo parâmetro de classificação e de desarmonia entre as teorias. Nesse sentido,

os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem. (MUNANGA, 2003, p. 4 e 5).

Apesar do termo raça não existir científica e biologicamente existe socialmente, assim como o preconceito racial. Diante do apresentado anteriormente, o termo raça foi substituído pelo termo etnia, que segundo o dicionário Aurélio, etnia representa um grupo social com homogeneidade cultural, história e origem em comum. Apesar dessa nova definição e classificação, Munanga (2003, p. 11) traz que o racismo permanece, porém, agora com um olhar ‘politicamente correto’. Segundo o autor, o uso do termo etnia é tão equivocado quanto o termo raça, uma vez que apesar de etnia ser um termo mais aceito tanto pelos racistas quanto pelos não racistas, seu significado abrange as diversas culturas como sendo uma só, como se todos os negros ou brancos produzissem uma mesma cultura, sem levar em consideração a diversidade de ambos. Nessa perspectiva, a temática será trabalhada não como etnia, mas população negra e população branca, assim como Munanga (2003).

No Brasil, o preconceito racial foi se construindo e reconstruindo ao longo da história durante e após a abolição da escravidão. De acordo com Fernandes (2013, p. 6), “O fato é que raça, cor, ou mistura foram sempre assuntos essenciais entre nós e sobre nós, surgindo ora como motivo para exaltação, ora como sinal de descrédito”.

No segundo reinado havia a idealização do Brasil com indígenas e brancos, já entre os séculos XIX e XX prevalecia uma concepção de branqueamento e nos anos de 1930 uma exaltação da miscigenação, nas palavras de Fernandes (2013) “uma nação ‘divinamente mestiça’”. De acordo com Pinheiro e Santos (2013, p. 23), “A disseminação no Brasil da teoria da democracia racial, democracia que nunca existiu, dificultou a luta dos negros contra a humilhação, indiferença e invisibilidade [...]”.

Entre os primeiros sociólogos estudiosos de tal fenômeno temos Freyre (1945), que traz as questões raciais através de um microcosmos no livro “Casa Grande e Senzala” e que tenta amenizar as relações raciais existentes na época utilizando como argumentos a miscigenação racial e fatores climáticos. Segundo Fernandes (2013), o preconceito racial no Brasil foi camuflado pela sociedade brasileira após o holocausto na Alemanha como forma de idealizar as relações raciais e servir como modelo para os demais países do mundo.

Fernandes (2013) quebra essas concepções por meio de pesquisas realizadas em São Paulo e no Nordeste brasileiro. Pesquisas que mostram a verdadeira desigualdade econômica, social e cultural entre os povos brasileiros. Suas pesquisas apontam (FERNANDES, 2013, p. 71) que a população negra da Bahia representa 77% de empregados e 48% de empregadores. Além dos números voltados ao labor, temos os dados alarmantes voltados para o nível de escolarização, uma vez que apesar dos negros representarem a grande maioria populacional da Bahia representam 10% dos formados, enquanto 88% são representados pela branquitude crítica e acríica<sup>1</sup> (GELEDÉS, 2011).

Atualmente o racismo no Brasil apresenta diversas formas, de acordo com Nunes (2010) uma delas consiste no preconceito sutil, presente no dia a dia e que passa despercebido por muitos. Também é perceptível a presença do racismo institucional (GELEDÉS, 2017), em que ocorre uma distinção entre os indivíduos deliberadamente dentro de instituições, empresas e outros. Fernandes (2013) traz exemplos desses acontecimentos em sua obra,

É o amigo ‘branco’, que o trata com consideração no trabalho e nas conversas casuais, mas não o convida para ir à sua casa ou não retribui suas gentilezas. É o colega que passa a sentir a sua presença competitiva no trabalho e vê-se forçado a aceitar a competição em termos usuais nas relações dos brancos entre si. É a filha que reclama das atitudes das coleguinhas ou da

<sup>1</sup> Branquitude acríica é um termo utilizado para designar uma identidade racial branca que estando em meio aos seus privilégios acredita ser superior às demais identidades raciais. Branquitude crítica é um termo que designa uma identidade racial que apesar de crítica é beneficiária das desigualdades sociais.

professora na escola. É a mulher que se enfurece com o comportamento dos fornecedores, que a tratam como se fosse a empregada da casa. É a boate, o hotel ou o clube que o repelem, como freguês ou como sócio. (FERNANDES, 2013, p. 76).

Na atualidade faz-se presente o racismo estrutural (GELEDÉS, 2019), que se reconstrói conforme as necessidades em que aparece para o fortalecimento das camadas sociais superiores e da população branca, pois esta ocupa a maior parte dos cargos elitistas até mesmo quando representa a minoria da população regional ou local (FERNANDES, 2013, p. 71).

O processo de branqueamento iniciado nos anos de 1930 teve como características a busca pelo clareamento da pele, bem como o apagamento da cultura africana em seus diferentes aspectos, sejam eles a música, religião, dança, filosofia, tecnologia, entre outros. No que se refere à música, de acordo com Mário Raul de Moraes Andrade (1937), também conhecido como Mario de Andrade, o samba rural, do interior paulista, teve sua decadência devido às intervenções da ‘branquitude’, padres e policiais que viam essa expressão artística de modo pejorativo. Além disso, o samba que antes ocorria em barracões, pela sua proibição, passou a acontecer e ser característico nas ruas.

De acordo com Eduardo Conegundes de Souza (2007), o declínio do samba rural paulista se deu pela urbanização, influência dos imigrantes, influência do samba carioca por volta dos anos 30, pela intolerância da igreja a festas como Bom Jesus de Pirapora, repressão das manifestações negras e pelos meios de comunicação se iniciarem no Rio de Janeiro. Por volta dos anos 70, devido à influência da elite branca nos meios de comunicação, o samba passou a ter características elitistas e novamente passa por um processo de branqueamento, uma vez que as músicas, especialmente o pagode, deixaram de retratar o cotidiano dos povos da periferia e passaram a enaltecer a luxúria e modo de vida do capitalismo.

Cabe ressaltar que para além da desigualdade existente entre a população negra e a população branca, as mulheres negras são a população em maior desvantagem. A eugenia<sup>2</sup> é uma teoria que se faz presente no Brasil desde 1914 e que influenciou de maneira substancial a vida do povo brasileiro, majoritariamente das mulheres, uma vez que eram tidas como procriadoras aceitáveis ou desfavoráveis. (GELEDÉS, 2017).

Segundo Constâncio e Micaela, de acordo com os dados da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, 80% dos trabalhadores domésticos são negros e 94% destes são mulheres. Outro fator agravante está presente no salário dos mesmos, uma vez que mais de 1 milhão de trabalhadores recebe até meio salário mínimo por mês.

<sup>2</sup> Eugenia é uma teoria que busca produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas.

## **Preconceito racial no território caipira**

O preconceito trabalhado aqui é referente ao preconceito racial no território caipira, mais especificamente no Noroeste Paulista. Segundo Fernandes (2013), o preconceito é evidente em regiões campestres pela forma como ocorreu a expansão da mão de obra após a abolição da escravidão. Sem ter condições efetivas de lograr empregos, uma vez que era priorizada a mão de obra estrangeira, a população negra passou a viver de subsistência em meio rural e a constituir as favelas, “o que era antigamente cortiço, hoje é favela. Só mudou o nome” (PINHEIRO; SANTOS, 2013, p. 60).

De acordo com Pinheiro e Santos (2013), o Brasil não teve a abolição da escravidão como ocorreu, por exemplo, nos Estados Unidos. Não foram criadas escolas para atender à demanda populacional, ainda que separadas entre a população branca e a população negra. Na escola Rio Pretense “Cardeal Leme” em que estudou Aristides, o mesmo relata em “Aristides, retalho de uma raça” o baixo número de alunos negros que estudaram em sua sala, “Dos quarenta ou cinquenta alunos da turma, apenas dois ou três eram negros!” (PINHEIRO; SANTOS, 2013, p. 58). Segundo os mesmos autores:

Deveriam ter feito pelo menos o que fizeram com os imigrantes europeus que foram trazidos para cá pela política brasileira, isto é, dado um pedacinho de terra para eles trabalharem. (PINHEIRO; SANTOS, 2013, p. 60).

A abolição da escravidão em 1888 não garantiu, portanto, grandes transformações na vida dos antigos escravos, inclusive na região de São José do Rio Preto. Este fato pode ser observado por meio da obra sem intitulação de José Antônio da Silva de 1956, a qual retrata a importância da ‘população negra’ para a agricultura na região e o homem branco na figura do ainda “dominador” (PEREIRA; NETO, 2018, p. 12). Ferreira e Neto trazem em suas palavras:

Tal cena reforça a ideia de que [...] a assinatura da Lei Áurea não foi capaz de garantir aos negros condições mínimas para vivenciar a liberdade. O sujeito de pele branca lembra um capataz pronto a fustigar a quem fosse necessário, em pleno meados do século XX. (PEREIRA; NETO, 2018, p. 12).

Outro fato trazido por Pereira e Neto (2018, p.15) com base em Monsma, que demonstra o preconceito racial existente na formação de São José do Rio Preto é o baixo número de casamentos mistos, uma vez que os pais italianos se questionavam em relação à cor dos pretendentes. As relações interpessoais são outro fator que demonstra a existência de preconceito racial, Aristides relata em sua obra juntamente com Pinheiro (2013) o desrespeito dos homens brancos da elite para com o negro.

Dessa forma, percebe-se a presença do preconceito racial na região de São José do Rio Preto, nas diferentes formas em que foi apresentado no tópico anterior. Além disso, o preconceito racial pode ser percebido pela falta de registros, ou pela omissão proposital,



branqueamento da história, a respeito da importância e do papel dos negros na construção da cidade (PEREIRA; NETO, 2018).

Nesse sentido, Pereira e Neto (2018, p. 5) trazem em sua obra uma síntese clara e objetiva que demonstra a existência do preconceito e branqueamento nos documentos oficiais de São José do Rio Preto, em que o apagamento se dá por meio de expressões como “o pardo alveja dia a dia” e “Na sociedade sertaneja, não há preconceito de cor. O homem de cor penetra nas rodas que as suas condições financeiras lhes permitem” em “Oeste Paulista: a experiência etnográfica e cultural” de Tavares de Almeida publicado em 1943. Além disso, em contrapartida o mesmo autor retrata em sua obra uma supervalorização dos estrangeiros, primordialmente dos Sírios.

Outro indício de preconceito racial na região de São José do Rio Preto está presente na obra “Quem faz história em São José do Rio Preto” por meio de uma generalização ao tratar da população negra presente em São José do Rio Preto, uma vez que tanto escravos quanto negros livres foram descritos por meio de números no descritor escravaturas. Essa mesma obra também apresenta personagens importantes para a construção do município e ao fazê-lo camufla a participação do negro, uma vez que de um total de 2.021 pessoas registradas apenas 13 são de origem afro-brasileira e destas apenas 4 apresentam registro como tal (PEREIRA; NETO, 2018, p. 7).

Ainda relativo ao mesmo livro “Quem faz história em São José do Rio Preto”, podemos observar a falta de características relativas às religiões afro-brasileiras, falta de dados específicos como o ano de início da religião na cidade, o número aproximado de terreiros e templos e personalidades importantes, o que não ocorre, porém, com o catolicismo ou com os evangélicos (PEREIRA; NETO, 2018, p. 8).

Além da tentativa de apagamento da religião, houve a tentativa de apagamento da música afro-brasileira. Devido aos interesses e controle dos meios de comunicação pela elite branca, entre os anos de 1930 e 1970 o samba passou a ter um caráter burguês, houve uma padronização das vestimentas e com isso a exclusão de uma parcela considerável dos participantes do samba, uma vez que muitos não possuíam meios para comprá-las (SOUZA, 2007).

Além do exposto, outro fenômeno que ocorreu na cidade de São José do Rio Preto do Estado de São Paulo e que acarretou na presença do preconceito ainda nos dias de hoje foi uma espécie de apartheid. Os negros, por exemplo, podiam frequentar a praça Dom José Marcondes, mas não podiam ir à praça que os brancos frequentavam, Rui Barbosa, pois os

oficiais diziam “Ah! Aristides, porque você não vai para lá, lá tem seus amigos, as moças que você pode namorar” (PINHEIRO; SANTOS, 2013, p. 123).

Santos e Pinheiro (2013, p. 87) colocam como exemplos do apartheid não institucionalizado a divisão do trabalho dentro da cidade, em que os poucos lugares que empregavam homens afro-descendentes eram a fábrica Swift Armour do Brasil S/A e os armazéns da Rua Pedro Amaral como mão de obra braçal, mais especificamente como carregadores de sacarias. Outro acontecimento exemplificado é a diferenciação entre as praças em que os negros podiam ou não frequentar.

Estas medidas deixaram de existir por meio de lutas e reivindicações e que teve Aristides dos Santos como um dos principais líderes dos movimentos anti-racismo em São José do Rio Preto. Os relatos de Aristides em sua obra em co-autoria com Pinheiro são utilizados neste trabalho por Aristides ser um *griot*<sup>3</sup>. As lutas contra o racismo culminaram na elaboração e sanção de diversas leis como a Lei nº1.390/1951, que proíbe o não atendimento em diferentes estabelecimentos por preconceito de raça ou cor.

Apesar desta e outras conquistas é notório que ainda há muito a ser feito. O Brasil como um todo está imerso no sistema neoliberal, também retratado como terceira via (LIMA; MARTINS, 2005, p. 43), em que o indivíduo fica à mercê de alguns benefícios. Este modelo de sociedade é voltado para o ideal de meritocracia<sup>4</sup>, uma idéia que permite a permanência da sociedade nos moldes em que se encontra, ou seja, a permanência da elite brasileira e seu contínuo enriquecimento financeiro. É com base nesse ideal de sociedade que Aristides relata,

O trabalho do negro numa sociedade injusta e racista pode ser do jeito como minha mãe fez com a gente, transformou-o em um árduo caminho para a educação e a aprendizagem. Mas esse trabalho injusto e cansativo pode levar à revolta, à entrega à bebida ou ao trabalho até a morte nas sacarias, ou, ainda, a cair na malandragem. (SANTOS; PINHEIRO, 2013, p. 43).

A partir dos fatos retratados não apenas em documentos oficiais, mas em diferentes meios, como a biografia e os quadros referenciados anteriormente, é possível constatar que a cidade de São José do Rio Preto se consolidou em meio a preconceitos, existentes até os dias de hoje. Nesse sentido, faz-se necessário a realização de práticas educacionais contra-hegemônicas (SAVIANI, 2008) como as apresentadas no último capítulo com base nos círculos de cultura de Paulo Freire.

### **Pedagogias Contra-Hegemônicas**

<sup>3</sup> Griots são indivíduos da África Ocidental que preservam a cultura de seu povo por meio de histórias.

<sup>4</sup> Uma sociedade meritocrática acredita que todas as pessoas conseguem ter o que querem, bastando para isso fazerem o seu melhor, ainda que em condições desiguais.

Além do preconceito racial temos o problema da educação voltada para o fortalecimento e permanência no poder das classes abastadas ou fortalecimento da marginalização. Nesse sentido, como nos traz Saviani houve “a necessidade de construir pedagogias contra-hegemônicas, isto é, que em lugar de servir aos interesses dominantes, se articulassem com os interesses dominados” (2018, p. 18).

As pedagogias contra-hegemônicas estão em oposição às pedagogias hegemônicas, que contribuem por sua vez à manutenção da burguesia. As pedagogias contra-hegemônicas surgem atreladas às revoltas das camadas populares e sua busca por uma maior igualdade econômica, social e de direitos. Inicialmente esteve presente o movimento socialista nos anos de 1890, com o passar do tempo, já no séc. XX surge uma corrente anarquista e nos anos de 1920 a vertente comunista (SAVIANI, 2018, p. 12).

Os movimentos socialistas no Brasil buscavam, de modo geral, a criação de escolas gratuitas, laicas e com ensino técnico-profissional, porém, não trouxeram com especificidade qual abordagem deveria ser utilizada para o ensino. Os anarquistas, por outro lado, trouxeram como proposta uma educação “integral” e ensino “racionalista” a partir da criação de universidades e centros de estudo. Por sua vez, o movimento comunista não apresentou uma proposta inteiramente sólida no Brasil, tendo em vista que o movimento não se deu internacionalmente e que a concepção pedagógica era tida pelo Movimento Escolanovista (SAVIANI, 2018, p. 13 e 14).

Uma educação transformadora, de acordo com Saviani (2018), não surtirá efeito se estiver dentro das bases capitalistas em que existe a necessidade de dominação de uns pelos outros. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova apresentou propostas como a criação de uma “Escola ativa, progressista, socializada, única; pública, obrigatória, gratuita, mista e leiga... belíssimo programa, mas não para uma democracia, liberal por definição e capitalista de fato...” (LEMME apud SAVIANI, 2018, p. 16).

Com o fim da Aliança Nacional Libertadora a esquerda já não faria mais parte da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Passou a ser uma luta entre a igreja e os liberais. Na década de 1960, Paulo Freire formula a pedagogia libertadora como uma concepção contra-hegemônica, em que os sujeitos do aprendizado, por meio de conhecimentos e reflexões alcançariam uma concepção política, uma leitura do mundo juntamente com a leitura da palavra. (SAVIANI, 2018, p. 17).

De acordo com Saviani (2018), na década de 1970, a pedagogia contra-hegemônica tinha como base a não reprodução das relações sociais de produção e por isso são

denominadas de teorias crítico-reprodutivistas. Já na década de 1980 havia a necessidade de criação de pedagogias que ocupassem o lugar da pedagogia vigente como padrão de ensino.

Na década de 80, as pedagogias contra-hegemônicas agrupavam todos os movimentos de esquerda, desde anarquistas a liberais e apresentavam duas vertentes, uma com base no anarquismo e em Freire, em que as camadas populares deveriam ter autonomia e conhecimento popular e outra vertente, com base no marxismo, que defendia um ensino centralizado de saber sistematizado e com alcance a todas as camadas sociais (SAVIANI, 2018, p. 19 e 20).

Atualmente, nas escolas brasileiras ainda se encontra vigente a pedagogia hegemônica, em que a democracia existe apenas para os grupos já privilegiados. Essa diferença dentro das escolas contribui para a permanência das desigualdades, sejam étnicas, sociais ou econômicas (SAVIANI, 2008, p. 39).

## **2 A INFLUÊNCIA DA PANDEMIA NA TERCEIRA IDADE**

A pesquisa qualitativa foi realizada com os integrantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP/Ibilce (UNATI). A UNATI é um programa que surgiu em 2001 e que conta com o apoio financeiro, material e estrutural da UNESP, FUNDUNESP (Fundação da UNESP) e da PROEX (Pró-reitoria de Extensão Universitária). Além desses órgãos, a UNATI conta com o apoio do DATI (Diretório Acadêmico da Terceira Idade), criado por alunos para o acompanhamento das atividades desenvolvidas e composto atualmente por um presidente, presidente adjunto, tesoureiro, tesoureiro adjunto, secretário, secretário adjunto, suplentes, conselho fiscal e colaborador.

A UNATI apresenta um espaço físico dentro da UNESP/Ibilce e oferece atendimento durante os dias de semana das 14h às 17h. A UNATI oferece cursos e oficinas com inscrições abertas ao público com mais de 45 anos no formato semestral e anual, sendo uma delas a base da presente pesquisa. As atividades apresentam uma ampla abrangência de conhecimentos, como a área tecnológica (sistema android, entre outros), área linguística (cursos de diferentes idiomas), área biológica (estética facial, naturopatia, etc.) entre outras áreas. Os cursos são proporcionados por professores, pesquisadores, Doutores, Mestres, e demais membros da comunidade. A atividade presente nesta pesquisa foi realizada durante os anos de 2019 e 2020 por um professor Doutor e um aluno pesquisador.

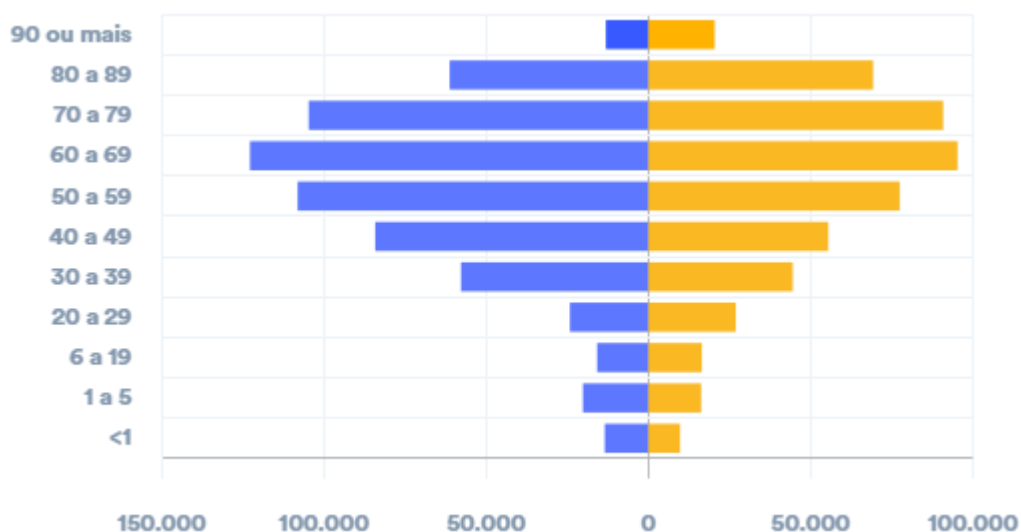
Entre os objetivos da UNATI, além do estudo dos conhecimentos historicamente acumulados citados no parágrafo anterior estão o suporte oferecido aos idosos para que estes sejam inseridos na sociedade e com isso não sejam levados para asilos. As atividades fornecidas, como o Lian Gong e o Coral Percussivo Banduka: Trabalhando com Músicas e Tecnologias, Incluindo o Idoso na Era Digital (VILLELA, 2019), promovem o desenvolvimento motor, intelectual e afetivo.

O desenvolvimento motor se dá na medida em que são realizadas danças típicas como a umbigada e por meio da percussão com ritmos como o Jongo. O desenvolvimento intelectual, bastante amplo, se dá através dos diálogos, escritas no blog de aula, estudo e análise de documentários, músicas, entre outros. O desenvolvimento afetivo, também muito importante, se dá por meio das interações entre os participantes, que permitem a proximidade durante e após o curso com a criação de amizades.

Com o advento da pandemia causada pela Covid-19 decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 (ROMERO; SILVA, 2021 p. 1) e o distanciamento social que se mostrou necessário, os idosos, população de maior vulnerabilidade aos sintomas graves causados pelo vírus como mostra o gráfico abaixo,

perderam os contatos rotineiros estabelecidos ao longo da realização dos cursos oferecidos pela UNATI.

**GRÁFICO 1 – Relação entre idade e número de pessoas afetadas pela Covid-19**



Fonte: Ministério da Saúde

Além disso, os idosos que moravam sozinhos, em sua maioria mulheres, e tiveram que interromper seu trabalho por causa do isolamento e passaram a ter um contato mais reduzido com outras pessoas, o que gerou em metade dos idosos entrevistados por Romero e Silva (2021) sentimento de solidão. Outro agravante está relacionado à diminuição da renda familiar após o advento da pandemia da Covid-19, pois uma parcela considerável da população declara ter diminuído sua renda ou ficado sem nenhuma renda após o início do isolamento social (ROMERO; SILVA, 2021, p. 5).

É importante ressaltar que a população idosa sofria as consequências do isolamento social antes mesmo da pandemia e que esta veio a agravar, pois muitos idosos eram deixados de lado por suas famílias, nas palavras de Romero, os

Idosos podem estar isolados socialmente sem relatar sentimento de solidão e podem estar sozinhos mesmo sem isolamento social, mas ambas as condições podem causar danos à sua saúde física e mental. Assim, distanciamento social não deve ser confundido com solidão. O sentimento de tristeza é o que mais contribui para a solidão e se sentir sozinho não é apenas a ausência de acompanhante no lar (ROMERO; SILVA, 2021, p. 11).

É nesse sentido que se torna ainda mais necessário o acesso às novas tecnologias e o letramento digital na Terceira Idade para que estes possam ser inseridos nas novas práticas sociais, ter autonomia na realização de suas atividades cotidianas como fazer compras por aplicativos sem ter que ir ao mercado ou pagar contas sem precisar ir ao banco, interagir com seus pares, familiares e outros membros da sociedade no formato virtual.

## **Letramento Digital na Terceira Idade**

O envelhecimento é um processo que está presente em nossa sociedade desde que o planeta se entende como tal. Todos os seres vivos têm um ciclo de vida, o ser humano também o tem, porém, além de ser tido com tranquilidade e respeito, devem ser proporcionados meios para que o envelhecimento não se torne um problema e que os idosos possam desfrutar desse tempo.

Para que isso ocorra é necessário que a Terceira Idade tenha acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), bem como o conhecimento necessário para o seu uso. Entretanto, o uso das TDICs por parte da Terceira Idade não se apresenta como uma prioridade dentro das Políticas Públicas de Estado, uma vez que não foram criadas com um olhar inclusivo e facilitador para a população de maior vulnerabilidade.

O uso da internet e das TDICs é um advento recente, pois segundo Silva (2021, p. 21), com base em Castells (2019), a internet teve como princípio o financiamento militar e o mercado eletrônico apenas a partir dos anos de 1940. Ainda de acordo com o mesmo autor, as TDICs passaram a ganhar um espaço em nossa sociedade mais recentemente, apenas por volta de 1995 com a criação da norma conjunta entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério das Comunicações.

O projeto de Lei a respeito da internet no Brasil durante o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva foi alvo de opiniões divergentes, o que culminou em um processo demorado de implementação que durou 7 anos (2003-2010). Durante esse período ocorreram diversos debates, inclusive a respeito do cibercrime, que culminaram em 2009 no projeto do Marco Civil da Internet. Novamente ocorreram divergências e o projeto não seguiu andamento (SILVA, 2021, p. 83 e 84).

Com o mandato de Dilma Rousseff também é possível perceber uma grande quantidade de divergências e com isso, uma dificuldade na implementação do marco civil. O Marco Civil foi implementado com a entrada de Michel Temer, porém, o ex-presidente não deu sequência aos debates travados anteriormente, o que resultou em uma medida de acesso para poucos brasileiros. Assim, atrelado à implementação tardia do uso de tecnologias, temos o impasse da necessidade das mesmas atenderem ao liberalismo e não à população como um todo. (LOVELUCK, apud SILVA, 2021, p. 21).

De acordo com Silveira et al:

O avanço da tecnologia, somado às dificuldades de acesso às novas técnicas e teorizações, causa impacto em todas as gerações e, em especial, na velhice. Bens tecnológicos de última geração contrastam com a miséria, pois o não-acesso a esses bens remete à exclusão e ao isolamento social. (SILVEIRA, et al, 2010, p. 5).

Além da exclusão, o meio digital contribui para a manutenção e permanência do sistema neoliberal, que por sua vez também contribui para a exclusão na medida em que exige do Estado suas obrigações. Com base em Han, Silva (2021, p. 68) aponta que o meio digital também contribui para a ocorrência da psicopolítica, ou seja, uma ferramenta de controle sutil que ao mesmo tempo em que aparenta deixar as pessoas livres faz o oposto com o monitoramento de dados. “a psicopolítica busca o cerne do sujeito neoliberal (o qual é atravessado pela ideologia do desenvolvimento de si), fazendo com que ele se mantenha explorado de forma voluntária.” (SILVA, 2021, p. 68).

Nesse mesmo sentido, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação foi relacionado ao melhoramento da educação de forma a proporcionar o aumento e melhoria do mercado por meio da criação e consumo de meios digitais, bem como garantia de “[...] acesso a lugares de prestígio no cenário internacional e, por isso, fazem dos valores simbólicos atrelados às TDICs efeitos de poder” (SILVA, 2021, p.16).

Como nos traz Silva,

O rompimento se dá em razão de a **economia**, como parte do universo discursivo neoliberal, contradizer a narrativa de que a transformação digital vai ser benéfica para toda sociedade, especificando que essa transformação é, na verdade, voltada para a economia brasileira, que se expressa por grandes empresas que concentram o capital.” (SILVA, 2021, p. 117).

O mercado, por sua vez, por questões citadas anteriormente, engloba de maneira mais explícita a população economicamente ativa no uso das tecnologias. Isso faz com que os idosos tenham que buscar de diferentes meios para o aprendizado, como, por exemplo, o projeto “Coral Percussivo Banduka: Trabalhando com Músicas e Tecnologias, Incluindo o Idoso na Era Digital” realizado na UNESP/Ibilce.

A terceira idade procura por novos conhecimentos

[...] não apenas pela perspectiva da atualização cultural, da busca por novos vínculos sociais, necessidades de regulação emocional ou como atividades para ocupar o tempo livre. Procuram atividades para desenvolvimento de habilidades específicas, para uso prático dos conhecimentos. Procuram espaços mais críticos e contextualizados. (LEÃO apud SILVEIRA et al, 2010, p. 2).

Partindo dessa mesma concepção, para Silva (2021) os motivos que levam a Terceira Idade à procura pelo conhecimento e uso das TDICs é a necessidade que a sociedade coloca. Uma necessidade de fazer parte, estar inserido e ser bem sucedido. Apesar das tecnologias estarem a favor de uns em detrimento de outros, quando aprimoradas podem trazer

[...] ”efeitos positivos na sociedade, no que tange ao compartilhamento de conhecimento, inclusão das minorias e rupturas com sistemas excludentes, ou seja, o aprimoramento das TDIC e, por consequência, a aplicabilidade voltada para o desenvolvimento social [...]” (SILVA, 2021, p.25).



As atividades que envolveram o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com a Terceira Idade consistiram na escrita no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (VILLELA, 2014). Essa escrita teve como objetivos o armazenamento e compreensão do aprendizado tido pelos participantes do projeto, bem como uma compreensão e interação com os hipertextos.

Os hipertextos, de acordo com Silva (2021, p. 25) produzem novas formas de interação não lineares. Permitem acesso a diferentes links, imagens e vídeos no decorrer da página, bem como comentários sem uma ordem específica. Esses comentários são opiniões que seriam efêmeras, mas que no ato de escrever se tornam memórias.

Para a produção dos hipertextos no blog de aula, os Unatianos foram orientados a registrar suas impressões sobre o círculo de cultura realizado, seus aprendizados e contribuições dos mesmos para cada participante.

Para atender ao objetivo de armazenamento de dados e compreensão do que foi apreendido ao longo das atividades, os participantes foram convidados a escrever sobre o que aprenderam no decorrer do encontro. As falas estão relatadas no quadro abaixo e serão discutidas no próximo capítulo.

#### **QUADRO 1 – ESCRITA NO BLOG DE AULA**

|  |
|--|
| Participante A 20/03/11 16:23<br><br>A morte de mestre Moa foi uma grande perda prá nossa cultura. Ele ressaltou muito bem nos carnavais o afro ritmo no Brasil. Quanto ao seu assassinato, percebemos o nível de intolerância cada vez maior nos seres humanos. Muito triste!!              |
| Participante B 20/03/11 16:26<br><br>Já tinha ouvido falar do mestre Moa, mas não tinha a noção da importância dele para a cultura baiana. Conhecer a história do mestre Moa foi importante para valorizar ainda mais a cultura dos negros ligados aos afoxés.                               |
| Participante C 20/03/11 16:29<br><br>A aula foi riquíssima, nos trazendo um lado da cultura brasileira mais centralizada no Nordeste, de grande importância cultural para o Brasil. O conhecimento do mestre Moa que foi o fundador do afoxé badauê. A aula acrescentou muito naquilo que se |

refere à cultura afro-brasileira apesar de conhecer ritmos, grupos e músicas africanas, o mestre Moa vem trazer algo a mais. Foi lastimável a sua morte.

Participante D 20/03/11 16:31

Mestre Moa foi um grande expensor da cultura afro baiana fazendo assim ser conhecida em todo o Brasil e no exterior com suas criações da cultura negra baiana.

### **Inclusão do idoso e Educação de Jovens e Adultos**

Após sua formação, o pedagogo apresenta diversas áreas de atuação, sendo estas o magistério, pedagogo hospitalar, pedagogo empresarial, entre outros. No entanto, pouco se fala a respeito do papel do pedagogo junto à Terceira Idade, um público muitas vezes negligenciado. Apesar de ser uma temática pouco abordada, a Terceira Idade está inserida no processo de Educação de Jovens e Adultos, porém, com suas particularidades.

Essas particularidades podem ser caracterizadas pelos idosos apresentarem diferentes conhecimentos historicamente acumulados, bem como apresentarem dificuldades motoras em algumas atividades manuais e corporais. Cabe ressaltar que essas dificuldades não podem ser tidas como obstáculos para a realização das atividades, mas como caminhos a serem percorridos.

A demanda por atendimento educacional ao público de idosos vem crescendo ao longo do tempo pela maior expectativa de vida da população brasileira como podemos observar no site do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE). Neste trabalho trabalhamos com o uso de tecnologias, que podem gerar inúmeros benefícios à vida do idoso, nas palavras de Silva:

O idoso que sabe lidar com as TIC'S (Tecnologia da Informação e Comunicação) tem resultados positivos por todos os lados: é comprovado que o trabalho com computador ativa áreas importantes do cérebro, da mesma forma a Internet, se utilizada adequadamente é ótima fonte de pesquisa e conhecimento de outras culturas (SILVA, 2016, p. 11).

Para realizar o ensino do uso das tecnologias, de acordo com Silva (2016) com base em Galvão os textos injuntivos não seriam adequados, pois estes apresentam uma linguagem muitas vezes desconhecida a seus leitores, pois

[...] as camadas populares se apropriam da cultura escrita através de práticas orais de socialização do escrito, da circulação do manuscrito e de modos não escolares de aprendizagem, [...] Dito isso, seria pouco frutífero desconsiderar tal característica quando se vai produzir textos injuntivos na modalidade escrita, ou seja, manuais e/ou apostilas que

indiquem como se vai utilizar o computador e demais tecnologias digitais. (Galvão apud SILVA, 2016, p. 15).

Além disso, “Orientar pessoas na leitura de uma tarefa equipara-se muitas vezes na aquisição de uma nova linguagem. São novos termos, novas relações, novas visões de mundo que se aprende”. (SILVA, 2016, p. 15). Com base em Silva (2016), não se trata de um processo de alfabetização, e sim de letramento. É um letramento por ter como foco o uso prático dentro da sociedade, bem como levar em consideração os contextos sociais e políticos.

Nessa perspectiva, de não deixar que esse grupo fique às margens da sociedade, foram realizadas atividades que uniram práticas tecnológicas e pedagógicas com a Universidade Aberta à Terceira Idade que serão apresentadas com um maior detalhamento no próximo capítulo.

### 3 Círculos de Cultura: O que são?

Os Círculos de Cultura foram uma metodologia criada por Paulo Freire nos anos de 1960, no Rio Grande do Norte e Pernambuco onde se encontrava um índice elevado de analfabetismo (MARINHO, 2009). Os círculos, criados em um contexto de industrialização, foram encerrados devido à ditadura militar em 1964, que tinha na figura de Paulo Freire, desde os anos de 1950, alguém subversivo e perigoso, que ameaçaria as bases vigentes no momento (BETTO; FREIRE, 1985).

Antes de ser preso e exilado, Paulo Freire, com o uso dos Círculos de Cultura, realizou uma vasta contribuição para o meio educacional brasileiro. Ao perceber uma política assistencialista enquanto trabalhava no SESI, Paulo Freire trabalhou a relação entre pais e mestres por meio de círculos denominados “Círculo de pais e professores”.

Na década de 1960, Paulo Freire tinha como enfoque a alfabetização partindo da leitura de mundo, que é anterior à palavra. Até então, apenas 26% da população com mais de 10 anos sabia escrever seu nome. Uma vez alfabetizados, os indivíduos seriam aptos a votar sabiamente nas eleições, o que tornou os círculos de cultura uma ferramenta que demonstrava perigo às bases do Estado, sendo portanto encerradas as atividades.

Como educador popular, utilizou ferramentas, materiais e conceitos que apresentavam significado para os educandos. No processo de ensino-aprendizagem, é essencial que os educandos adquiram consciência, e nesse sentido não caberia a realização de um ensino bancário vigente na época e nos dias atuais (BETTO; FREIRE, 1985), em que, de acordo com Freire,

Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos. Esta parecia uma das grandes características de nossa educação. A de vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo que tratamos. (FREIRE, 2014, p. 126).

Quando preso, contribuiu para a reabilitação dos encarcerados que passaram a perceber seu entorno com uma nova perspectiva. Dentro do sistema penitenciário havia a dificuldade de que o conhecimento deveria ser estabelecido pelas autoridades, porém, Paulo Freire soube aproximar esses conhecimentos à realidade dos educandos, assim como na alfabetização que ocorreu em Angicos (BETTO; FREIRE, 1985).

De acordo com Linhares e Dantas (2014), os Círculos de Cultura,

estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. (LINHARES, DANTAS, 2014, p. 1).

É, portanto, uma pedagogia contra-hegemônica que visa a “relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação” (LINHARES, DANTAS, 2014, p. 1). Além disso, os círculos de cultura tinham como foco “[...] contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade” (LINHARES, DANTAS, 2014, p. 1).

Trazer uma nova perspectiva sobre os fatos ocorridos está para além de impor crenças e concepções próprias, é preciso uma busca conjunta e constante por novos saberes e compreensões de forma coletiva com respeito às individualidades. Nas palavras de Betto e Freire,

O processo educativo é um processo coletivo, no qual o educador tem uma parcela de trabalho que é criar os mecanismos pedagógicos de expressão e explicitação das lutas, das dúvidas, das incertezas, da palavra dos educandos. Esse é o nosso trabalho. Sem confundir esse trabalho com a pretensão de fazer passar a minha visão, a minha postura, a minha proposta. Esse limite é o grande desafio que determina a qualidade do trabalho do educador popular. (BETTO, FREIRE, 1985, 73).

A metodologia de Círculos de Cultura permite que as relações entre educador e educando sejam horizontais, promovendo respeito mútuo, autonomia por parte dos educandos e maior abertura ao diálogo. Para que os conceitos sejam aprimorados, é essencial que através do diálogo os integrantes possam aprender por meio das contradições e acréscimos em cada fala.

De acordo com Marinho (2009), com base em Bakhtin, para a promoção do diálogo, o coordenador pode usar a síncrese, que “é confronto entre diferentes pontos de vista sobre um determinado objeto” (MARINHO, 2009, p. 95), e os demais participantes a anácrise, que é a exposição da opinião com o intuito de chegar a novas conclusões, que por sua vez não se dão por concluídas. Para a autora, “A dialogicidade é a prática do diálogo verdadeiro, que mantém viva a relação entre a ação e reflexão.” (MARINHO, 2009, p. 28).

A partir do diálogo, que apresenta uma linguagem comum e não erudita, é possível expor ideias sem que sejam julgadas como certas ou erradas, assim como perceber a fala do professor e do aluno com o mesmo valor, deixando a percepção elitista muitas vezes presente. A percepção elitista, trazida por Freire (1985) está presente na perplexidade em que se encontra o educador ao ouvir uma resposta correta de alguém cuja resposta não era esperada devido à sua classe social.

De acordo com Marinho (2009), os círculos de cultura apresentam algumas etapas, trabalham com temas e palavras geradoras que são percebidos por meio do processo

dialógico. As palavras geradoras são escolhidas consoante o seu valor semântico, fonético e pragmático.

Após a definição dos temas, palavras geradoras, ocorre a tematização, em que os indivíduos são levados a refletir sobre suas próprias experiências, gerando uma nova perspectiva sobre a realidade. Após a tematização ocorre a problematização dos conceitos experienciados, em que por meio da reflexão o sujeito muda suas ações e realiza novas reflexões (LINHARES; DANTAS, 2014, p. 2).

Atualmente os círculos de cultura freireanos são utilizados em diferentes outros contextos, como a formação de professores. Em suas pesquisas, Marinho (2009) constatou um aumento na individualidade dos professores dentro das escolas, uma vez que o conhecimento é tido como gerador de riqueza e status de poder. Tendo em vista tais problemas, a autora pesquisou a relação entre os círculos e a geração da coletividade.

Marinho (2009) pesquisou também o uso dos círculos em outras esferas educacionais, constatando que “[...] Os Círculos de Cultura estão vivos seja na formação de professores, nas pesquisas, ou na gestão de políticas públicas.” (MARINHO, 2009, p. 86). Apesar de serem uma metodologia utilizada atualmente, acrescenta que,

Naturalmente, suas características atuais não coincidem com as originais de 1960, mas o constructo teórico de Paulo Freire revela certos elementos permanentes como, por exemplo, a constante articulação entre o diálogo, a pesquisa, o ensino, o aprendizado, a transdisciplinaridade, a cultura entre outros. (MARINHO, 2009, p. 86).

Atualmente também temos o ensino da música clássica e sua desmistificação com o uso dos círculos de cultura realizados na Espanha inspirados pelos círculos de ensino literário. Nesse meio, os professores são denominados de professores transformadores, pois, transformam concepções e dificuldades de aprendizado sobre um determinado tema classista que na verdade pode ser entendido por todos (CHAIB, 2010).

Assim como era proposto uma transformação da realidade por Paulo Freire nos anos de 1960, os círculos desenvolvidos por Chaib (2010), também apresentam como proposta uma transformação da realidade, uma vez que ao adquirir capital cultural, a classe trabalhadora deixa de seguir as imposições colocadas pela classe dominante.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As atividades realizadas com a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) ocorreram semanalmente durante os anos de 2019 e 2020 com encontros com duração de 2 horas. Tiveram como metodologia o uso dos círculos de cultura para o ensino da música afro-brasileira partindo de sua origem, jongo, até os sambas mais atuais. Nos círculos foram trabalhadas a origem dos ritmos, a percussão, o canto, a dança e os significados das canções afro-brasileiras.

O repertório de música foi composto por canções como: jongo da serrinha, catengue, cangoma me chamou, as baratas, candongueiro, entre outras. Ao trabalhar a música “Cangoma me chamou” e “Candongueiro”, foi possível relacionar as letras aos instrumentos utilizados na percussão, uma vez que está presente em suas letras os seguintes versos respectivamente: “tava durumindo cangoma me chamou” e “eu vou pela estrada afora tocando meu candongueiro oi”.

Os instrumentos eram conhecidos por vários integrantes, porém, passaram a ter um conhecimento mais sistematizado a respeito dos mesmos como, por exemplo, os atabaques que apresentam nomenclaturas diferentes quando utilizados em rituais religiosos (rum, rumpi e le) e quando utilizados para rodas de música (angoma, caxambu e candongueiro).

Também foram trabalhados conhecimentos a respeito do jongo, que é composto por pontos, sendo estes o ponto de abertura para iniciar a roda de jongo; o ponto de louvação para saudar o local, o dono da casa ou algum antepassado jongueiro; ponto de visaria para alegrar a roda; ponto de encerramento cantado ao amanhecer para saudar a chegada de um novo dia; entre outros.

Durante os círculos foi possível, portanto, constatar a existência de conhecimentos prévios adquiridos ao longo da vida por parte dos educandos relacionados aos conhecimentos abordados. Nesse sentido, ocorreu uma troca constante de experiências que podem ser observadas no quadro apresentado no capítulo anterior. Por meio da escrita no blog de aula é possível observar o acréscimo na vida de cada um, que fica explícito por meio da fala do participante B, na qual nos diz: “Já tinha ouvido falar do mestre Moa, mas não tinha a noção da importância dele para a cultura baiana”.

Além dos registros no blog de aula foram realizados registros fotográficos a fim de demonstrar um pouco das práticas, a organização e espaço em que se deram os círculos de cultura, os instrumentos utilizados, as roupas, movimentos, educadores e educandos.



Fonte: Fábio Villela

Legenda: UNATI e Centro POP na sala de dança da UNESP-Ibilce. Roda de jongo com a orientação do Professor Animador

### FOTOGRAFIA 2 – UNATI E CENTRO POP



Fonte: Fábio Villela

Legenda: UNATI e Centro POP juntos na sala de dança da UNESP-Ibilce

### FOTOGRAFIA 3 – MÚSICA E DANÇA



Fonte: Fábio Villela

Legenda: Encontro da UNATI na sala de dança da UNESP-Ibilce com dança e percussão.

### FOTOGRAFIA 4 – XEQUERÊ





Fonte: Fábio Villela

Legenda: A dança do jongo com saias longas e instrumentos afro-brasileiros como o xequerê no Centro POP de São José do Rio Preto

Por meio da anotação nos diários de classe, foram registradas observações diárias por parte do pesquisador observador, como a percepção, espanto e comentários realizados pelos participantes do projeto Coral Percussivo Banduka: Tabalhando com música e tecnologias, incluindo o idoso na era digital. Uma das observações registradas em diário de classe, em que ocorreu espanto nos educandos, se deu durante a realização de um círculo de cultura em que após questionar os educandos a respeito do que é “macumba” e ouvir a todos, o professor mediador trouxe um significado inesperado por todos, uma vez que ao contrário do que é propagado e foi trazido pelos educandos, uma visão pejorativa, macumba era o nome de uma árvore africana, assim como o nome de um instrumento parecido com o reco-reco, porém feito de bambu. Nesse sentido, macumbeiro é, portanto, aquele que toca macumba (GELEDÉS, 2014).

O projeto foi intitulado como Banduka pela palavra significar “livre” na língua bantu e o projeto não apresentar como foco a promoção de um coral percussionista perfeccionista. Por se tratar de um público alvo de terceira idade, o objetivo do coral era, portanto, trazer novos conhecimentos, proporcionar meios para o desenvolvimento motor, desmistificar preconceitos e criar novos vínculos afetivos.

Esses objetivos foram alcançados, uma vez que por meio do diálogo, observação de filmes, entre outros os participantes puderam sistematizar conhecimentos. Além disso, era um

momento de partilha e alegria por poder tocar o mesmo ritmo ainda que cada um com suas particularidades. Os vínculos afetivos foram estabelecidos no decorrer do projeto, o que pode ser percebido pelo grupo criado no Whatsapp em que uma grande parte dos participantes interagiu.

Os preconceitos foram sendo desmistificados ao longo do tempo, o que pode ser percebido com a entrada de novos integrantes no grupo e seu questionamento a respeito da existência de preconceito racial na atualidade. Ao ser posto em cheque a existência de preconceito houveram diferentes relatos que comprovam a presença do mesmo nos dias de hoje como, por exemplo, o caso do professor Juarez Xavier, em que houve injúria racial.

Além dos dados coletados por meio do blog de aula e anotações, foi realizado um questionário a respeito do preconceito racial na região de São José do Rio Preto, região do interior do Estado de São Paulo. Por meio do questionário ficou perceptível o aparecimento do preconceito sutil, que pode ser caracterizado por brincadeiras racistas, culpabilização da população negra por seus problemas que de fato são estruturais, entre outros (NUNES, 2010). O preconceito sutil foi identificado por meio do questionário na resposta à autodeclaração de cor, em que quatro dos participantes responderam ser da cor azul. Isso mostra que a pessoa não percebe o racismo com seriedade, mas uma brincadeira.

Como trazido por Nunes (2010), no preconceito sutil, existe a culpabilização da população negra por seus problemas, porém, também é perceptível a retirada da responsabilidade do Estado e todos aqueles que estão envolvidos com os problemas que ocorrem de fato, perceptível por meio de falas como: “Sem chance não tem como dizer que o é racista deve estar morrendo mais negros devido o fato do vírus estar propagando na aquela região q residem” em resposta à pergunta “Em Chicago os negros representam 68% das mortes da cidade e mais de 50% dos casos de Covid-19, mas representam apenas 30% da população total da cidade. Você considera o fato apresentado uma consequência da discriminação e desigualdades sociais?”. No entanto, está claro por meio de dados que se o número de pessoas negras da cidade é menor que o número de pessoas brancas, o número de mortes e pessoas negras contaminadas também deveria ser menor.

No questionário encaminhado por meios digitais, também foi possível constatar diversas falas de cunho racista e também tentativas de melhoramento, pois das 96 pessoas entrevistadas 59 dizem usar ou ter utilizado termos como a “coisa ta preta”, “a cor do pecado” e “inveja branca”, um equivalente a 61,4% dos entrevistados.

Entretanto, percebemos que um pequeno número de pessoas estão em um processo de conscientização, pois podemos observar respostas ao que se refere à utilização de expressões

de cunho racista como “Infelizmente sim”, “Não mais” e “Utilizei, fico constrangida por ter utilizado”. Essas falas mostram que o preconceito existe e que por meio de projetos como o apresentado e muitos outros as pessoas passam a ser conscientizadas e a refletir sobre suas ações, pensamentos e palavras.

### **Políticas públicas e a inclusão do idoso na atualidade**

#### **QUADRO 2 – POLÍTICAS PÚBLICAS E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DO IDOSO**

|  |   |
|--|---|
| Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) (1975)                 | “referenciou as questões direcionadas à saúde, à renda e prevenção do asilamento”   |
| Diretrizes para uma Política Nacional para a Terceira Idade (1976)           | “continha normas para uma política social destinada à população idosa”  |
| Constituição federal do Brasil (1988)  | inclui o conceito “envelhecimento saudável” devido à I Assembléia Mundial sobre Envelhecimento”.  |
| Política Nacional do Idoso (1994 regulamentada em 1996)                      | “reafirmou o contido na Lei Orgânica da Saúde (1990) assegurando os direitos sociais à pessoa idosa, bem como o direito à saúde”                                      |
| Estatuto do Idoso (2003)   | tem por finalidade “regular os direitos dos idosos” além de algumas especificidades como “a internação domiciliar e a proteção do idoso em situação de risco social”. |
| Política Nacional de Saúde de Pessoa Idosa (PNSPI) (1999 promulgada em 2006) | “importante dispositivo para o reconhecimento dos direitos sociais já preconizados na PNI.”   |

Fonte: WILLING, M., LENARDT, M., MÉIER, M. (2012)

A partir do que foi exposto nos capítulos anteriores, podemos constatar que ocorre um aumento gradativo da população idosa e que esta necessita de cuidados específicos para que possa desfrutar de uma vida plena, com saúde e acolhimento. Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender como se dão as políticas públicas voltadas para os direitos da população idosa.

Como podemos perceber no quadro a cima, ao longo do tempo foram criadas leis em prol do bem estar do idoso, porém, ainda existe uma perspectiva de que a família é a maior responsável pelo cuidado do idoso, que acarreta na isenção das obrigações do Estado. De acordo com Willing, et al (2012, p. 575):

A incorporação do conceito de envelhecimento saudável na Carta Magna Brasileira de 1988 representou um grande avanço, contudo, a Constituição transferiu à família o papel de oferecer atenção e cuidados aos idosos: reconfigura-se a desinstitucionalização do cuidado e seu retorno para o contexto doméstico”.

As políticas públicas devem contemplar as demandas da sociedade e serem efetivas, trazendo a responsabilidade de aplicação da legislação para todos os membros da sociedade, família e Estado.

### **Políticas públicas e o enfrentamento ao preconceito racial**

As políticas públicas apresentaram avanços ao longo dos anos no que diz respeito aos direitos e à igualdade dos cidadãos por meio da criação de leis e algumas medidas para sua efetividade. As leis, por sua vez, foram fruto das lutas do povo, majoritariamente a classe trabalhadora. Como primeira lei antirracismo temos a Lei Afonso Arinos de 1951 que teve como impulso o caso Katherine Dunham e tinha como caráter a punição daqueles que negassem a entrada em estabelecimentos, emprego e hospedagem por motivo de cor (WESTIN, 2020).

Esta lei, no entanto, não trouxe grandes transformações sociais para uma efetiva inclusão da população negra, uma vez que haviam aberturas para o descumprimento da lei. Até a implementação da lei Afonso Arinos, assim como explanado no capítulo 1 deste trabalho, o Brasil era considerado um país exemplar para com o convívio entre os povos e a miscigenação. Após a implementação desta lei uma parte desse paradigma passou a ser questionado, ainda que tivessem os casos ocorridos como casualidades (WESTIN, 2010).

A lei Afonso Arinos apresentou um caráter punitivo, porém, poucos foram os casos em que ocorreu de fato uma punição. Apesar de ser uma lei que beneficiaria mais a branquitude por mostrar que já havia sido feito todo o possível para a inclusão da população negra na sociedade, foi o começo para a criação de novas leis que viriam em seguida como a Constituição de 1988, que estabelece o racismo como um crime inafiançável (WESTIN, 2010).

Em 2003, o foco da legislação deixa de ser as diferentes formas de punições e passa a ser a inclusão, o que pode ser observado pela homologação da lei 10.639 que estabelece a

obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nos ensinos oficiais e particulares de ensino. Apesar da existência da mesma, a luta por formação continuada e acesso a materiais de qualidade que propiciem um ensino que seja de fato inclusivo e com respeito à diversidade permanecem.

Fica perceptível, portanto, que não basta a implementação das leis, é essencial que sejam fornecidos meios como os já citados para seu cumprimento. Além do número reduzido de materiais didáticos que trabalham com a diversidade, também temos a problemática de como esse estudo é trazido, por exemplo, se apresenta uma visão ainda eurocêntrica, qual a linguagem utilizada, etc. (AZEVEDO, 2021, p. 42).

As conquistas, as leis e meios para sua efetiva implementação são avanços que tivemos, mas que não podem parar por aí, pois a sociedade em que estamos inseridos ainda é excludente e permanece para muitos o ideário do mito da democracia racial, o que gera a permanência do preconceito sutil, uma vez que as práticas racistas por vezes são tidas como meras brincadeiras (AZEVEDO, 2021, p. 44).

### **Considerações finais**

A partir do exposto até então, mostra-se essencial que a cultura afro-brasileira seja trabalhada dentro das escolas em todas as etapas e modalidades de ensino, desde a educação infantil, ensino fundamental e médio, educação de jovens e adultos, até ao nível de pós-graduação para que por meio do conhecimento construído de forma conjunta a respeito da realidade os preconceitos sejam desmistificados. É importante que o conhecimento seja sistematizado, conhecido e compreendido por todos e para que isso ocorra é preciso que se reconheça a existência do preconceito e a necessidade de ser superado.

Apesar das Tecnologias de Informação e Comunicação não serem implantadas no Brasil com o intuito de melhoria da vida da população como um todo, mas para atender a uma lógica capitalista e mercadológica, as TICs podem e devem alcançar todas as pessoas de todas as idades independentemente de suas condições financeiras. Para que as TICs sejam não só uma ferramenta, mas um meio utilizado por toda a população, faz-se necessário que as políticas públicas não estejam apenas no papel, mas que apresentem eficácia e promovam projetos inclusivos.

A princípio, todos apresentamos dificuldades ao realizar algo novo e tememos o desconhecido, porém, todas as pessoas são capazes de aprender ainda que com ritmos de

aprendizado diferentes. A terceira idade não deve ser deixada às margens da sociedade porque o capitalismo desconsidera como atores sociais aqueles que não estão inseridos na população economicamente ativa. Contrário a essa visão neoliberal sabemos que os idosos contribuíram para a formação da sociedade atual, inclusive na produção de tecnologias e que estes continuam contribuindo com a construção de novos saberes.

Nessa perspectiva, os saberes historicamente produzidos pelos idosos devem ser considerados no processo de ensino-aprendizagem, o que nos levou à metodologia de círculos de cultura criados por Paulo Freire, uma vez que estes permitem uma abertura ao diálogo que faz com que os idosos expressem suas opiniões e que com a junção das opiniões se alcancem novos conhecimentos. Conhecimentos que serão levados de geração em geração, sempre em constante transformação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. O samba rural paulista. Separata da Revista do Arquivo Municipal n. 41. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937. Disponível em: < <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0201/1135.html> >. Acesso em: 11 set. 2017.

AZEVEDO, E. R. Onde estão as princesas africanas? Das práticas docentes ao Programa Nacional do Livro Didático e Literário. Dissertação de Mestrado. UNESP. Bauru - SP, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204163>> Acesso em: 18 de ago. de 2021.

BETTO, Frei.: FREIRE, Paulo. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>> Acesso em: 1 jul. 2021.

CONSTÂNCIO, S. C.; MICAELA, L. C. P. Antes escrava, depois livre, ainda doméstica. Grupo de estudos África - GEÁFRICA Disponível em: &lt;[https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528683768\\_ARQUIVO\\_AntesEscravaCopene.pdf](https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528683768_ARQUIVO_AntesEscravaCopene.pdf) &gt;> Acesso em: 15 set. 20.

FERNANDES, F. O negro no mundo dos brancos. 1. ed. digital. São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GELEDÉS. **Definições sobre a branquitude**. Geledés Instituto da Mulher Negra. Net, São Paulo – SP, 2011. Disponível em: &lt;<https://www.geledes.org.br/definicoessobrebranquitude/?fbclid=IwAR3KHYmiVCtFQ4rqi4SPwEpICLCQi2WEHvVjspM8uqrwDuZLjYAufPhZYSE> &gt;. Acesso em: 08 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **O que é macumba**. Geledés Instituto da Mulher Negra. Net, São Paulo – SP, 2014. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/o-que-e-macumba/> >. Acesso em: 04 maio 2019.

\_\_\_\_\_. **Racismo estrutural no Brasil**. Geledés Instituto da Mulher Negra. Net. São Paulo – SP, 2020. Disponível em: &lt;<https://www.geledes.org.br/racismo-estrutural-no-brasil/> &gt; Acesso em 30 jul. 2020.

LIMA, K.; MARTINS, A. Pressupostos, princípios e estratégias . In: NEVES, L. (org.) et al. **A nova pedagogia da Hegemonia: Estratégias do Capital para Educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

LINHARES, A. M. B.; DANTAS, V. L. **Círculos de cultura**: problematização da realidade e protagonismo popular. Segundo Caderno de Educação Popular em Saúde. 1. ed. Brasília: Editora MS, 2014, v. 2, p. 73-80.

MARINHO, Andrea R. B. **Círculo de cultura**: origem histórica e perspectivas epistemológicas. 2009. 125p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003. Disponível em: &lt; <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> &gt;; Acesso em: 14 set. 20.

NUNES, S. S. **Racismo contra negros**: um estudo sobre o preconceito sutil. Tese apresentada ao Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

ROMERO, D. E.; SILVA, D. R. P. Os idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro, 2021.

PEREIRA, D. C.; NETO, U. P. **Entre o muito visível e o pouco visível**: a presença do negro nas narrativas envolvendo a história de São José do Rio Preto. Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2018.

PINHEIRO, N.; SANTOS, A. **Aristides, retalho de uma raça**: Contribuições da Antropologia e da História para a implementação da Lei 11.645/08. São José do Rio Preto: Vitrine Literária, 2013.

RACISMO. In: Aurélio, o dicionário de língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

SANTOS, S. R. ALVES, R. C. A música como instrumento para o letramento de jovens e adultos. In: CAMARGO, M. R. R. M. (org.) et al. **Educação de Jovens e Adultos**: Fronteiras entre experiências e saberes. PROEX São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 15-26.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas – SP: Autores Associados, 2008.



SAVIANI, D. Teorias Pedagógicas Contra-Hegemônicas no Brasil. Foz do Iguaçu, UNIOESTE, 2008.

SILVA, C. L. F. **Tecnologias digitais e as vozes institucionais**: uma abordagem discursiva. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto – SP, 2021.

\_\_\_\_\_. Valorização de práticas orais em E.J.A.: relato de experiências. São José do Rio Preto - SP, 2016.

SILVEIRA, M. M. et al. Educação e inclusão digital para idosos. **CINTED-UFRGS** V. 8 N° 2, jul. 2010.

SOUZA, Eduardo Conegundes de. **Roda de samba**: espaço da memória, educação não-formal e sociabilidade. Dissertação de mestrado. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

VILLELA, TENANI, SILVA. Letramento digital no programa Unesp/CSJRP In: **Extensão Universitária e Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, p. 287 a 300.

VILLELA. Círculo de Cultura. 10 out. 2019.

VILLELA. Música e dança. 04 mar. 2020.

VILLELA. UNATI e Centro POP. 10 out. 2019.

VILLELA. Xequerê. 21 nov. 2019.

WILLING, M., LENARDT, M., MÉIER, M. A Trajetória das Políticas Públicas no Brasil: Breve Análise. Paraná: **Cogitare enferm**, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/29298/19053> Acesso em: 04 de Nov. de 2021.

WESTIN, Ricardo. Brasil criou 1ª lei antirracismo após hotel em SP negar hospedagem a dançarina negra americana. **Senado Federal**, ed. 69, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/brasil-criou-1a-lei-antirracismo-apos-hotel-em-sp-negar-hospedagem-a-dancarina-negra-americana>> Acesso em: 09 de ago. de 2021.